

A EPÍSTOLA LXX DE SÃO JERÔNIMO

Maria Evangelina Soeiro

Sempre associei a iniciativa de se homenagear um intelectual com uma miscelânea de estudos concernentes à sua especialidade ao pensamento de Vieira expresso em seu famoso “Sermão de Santo Antônio”, pronunciado em S. Luís do Maranhão, em 1654, e mais conhecido pelo nome de “Sermão aos Peixes”: “... nas festas dos santos é melhor pregar com eles do que pregar deles.”

E, a meu ver, nenhuma homenagem pode ser mais feliz do que esta, sobretudo quando o homenageado é um antigo Professor. Realmente, que pode haver de mais grato, ao coração de um Mestre, do que comprovar que não pregou no deserto, que suas lições encontraram eco no espírito de seus alunos, nos quais ele conseguiu despertar o mesmo entusiasmo pelos estudos que o apaixonaram?

Distinguida com o lisonjeiro convite para colaborar nesta Miscelânea, meu espírito instintivamente se voltou para aquela tarde memorável de 1955, em que se deu meu primeiro contacto pessoal com o Professor Maurer, então presidente da banca do concurso de Latim, perante a qual eu ia ler a minha prova escrita, cuja primeira parte era a tradução da Ode XV do Livro IV de Horácio. Provinciana, comecei a ler timidamente minha tradução, mas a atenção, o interesse, a serenidade dos membros da banca foram pouco a pouco infundindo-me coragem a tal ponto que saí da sala resolvida a prosseguir no concurso, no qual eu, já detentora de uma cadeira de Português, que não me deixava lazer para os estudos latinos, me aventurara apenas para adquirir experiência, e cujo resultado, no entanto, viria dar novos rumos à minha vida.

Meu primeiro contacto com o Professor Maurer foi uma tradução: é, pois, com uma tradução que quero homenageá-lo.

Alguém um dia me assinalou a Epístola LXX de S. Jerônimo, em que ele defende a legitimidade do conhecimento da literatura profana por parte dos cristãos; li atentamente a carta e ali se me deparou uma frase com que S. Jerônimo, sem o perceber, se caracteriza a si mesmo, ao tentar ressaltar a cultura dos Padres gregos: “não se sabe o que mais se deve admirar neles, se a erudição profana ou a ciência das Escrituras”. Foi essa frase que me veio à mente, quando pensei na escolha de um texto por traduzir para esta Miscelânea. Estudando um autor cristão, inúmeras vezes tive de recorrer aos conhecimentos escriturísticos do Professor Maurer, e, a cada vez, comparando-os com os das letras pagãs, dos quais ele nos havia dado sobejas provas em seu Curso de Especialização, eu me extasiava diante de uns e outros, como S. Jerônimo ante o saber de seus predecessores gregos. Não havia escolha por fazer: a carta de S. Jerônimo se me impunha.

* * *

É sabido que na Antigüidade, nas regiões de intensa assimilação da cultura greco-latina, jamais a Igreja se preocupou, nem mesmo após a paz constantiniana, em manter escolas próprias. Ela se limitou a dar a iniciação dogmática e a formação moral, esta, sobretudo, com a colaboração da família, deixando para a escola tradicional o encargo do preparo intelectual do educando, ainda que o ensinamento dessa escola fosse essencialmente pagão.

Assim sendo, o cristão culto, convertido ou nascido de família cristã, trazia uma sólida bagagem filosófico-literária profana, da qual lhe era muito difícil desfazer-se, ou porque, mau grado seu, o gosto estético o levava continuamente a desse-dentiar-se nas fontes que constituíram o deleite de sua primeira juventude, ou porque, ainda que conseguisse dominar a ânsia desse prazer, lá estava o hábito que o fazia trair sua formação em sua linguagem.

Debalde Cipriano se abstém, em toda a sua obra, de qualquer citação direta de autores pagãos ou de qualquer alusão às obras destes: sua linguagem, repleta de reminiscências literárias profanas, revela sua profunda erudição clássica.

Esse estado de coisas alarmava o espírito de certos cristãos radicais, para quem cristianismo significava um rompimento total com o paganismo. Mas, caso curioso, se muitos se insurgiam contra o uso da literatura clássica por parte dos

cristãos adultos, ninguém se lembrou de interdizer aos jovens a freqüência à escola tradicional, veículo dessa literatura, que destilava, em suas almas tenras, a idolatria e os exemplos nem sempre edificantes da mitologia, que estavam em flagrante contradição com a dogmática e a moral cristã.

Tertuliano, o intransigente por excelência, proíbe o exercício do magistério para o cristão, cuja fé não pode dobrar-se às exigências do programa da escola clássica; mas admite, como um mal necessário, que os jovens sejam iniciados na literatura, “instrumento indispensável para toda a vida”; ao se dar conta do significado dessa literatura, o fiel rejeitá-la-á como alguém que, consciente, aceita o veneno de mãos que inadvertidamente lho oferecem, mas não o bebe ⁽¹⁾.

Alguns Padres da Igreja, admitindo como inevitável o contacto dos jovens com as letras pagãs, entregam-se à tarefa prudente de adverti-los contra os perigos que elas encerram, ao mesmo tempo que lhes abrem os olhos para as verdades nelas contidas; em uma palavra, ensinam-nos a separar o joio do trigo.

São Basílio, encarregado da educação de dois sobrinhos, compõe, para sua orientação, um opúsculo em que lhes dá conselhos sobre a leitura dos escritores pagãos: ela é útil, desde que se faça uma seleção; é preciso saber não confiar a direção de seu pensamento aos autores pagãos, e sim tirar deles tudo o que têm de proveitoso ⁽²⁾.

Por sua vez São Jerônimo, imbuído profundamente da cultura clássica, será atormentado pelo remorso causado pela sedução que sobre ele exercem os autores pagãos. Ardendo em febre, vê-se arrastado ao tribunal divino, onde é acusado de ser ciceroniano e não cristão; aterrorizado, promete renunciar às obras profanas, cuja leitura significaria renegar a Cristo ⁽³⁾. Expondo ao Papa Dâmaso a sua interpretação da parábola do Filho Pródigo, assim explica ele o sentido de *siliquas* com que foi nutrido o rebelde longe da casa paterna: “o alimento do demônio vem a ser os cantos dos poetas, a sabedoria profana, a pompa verbal dos retóricos” ⁽⁴⁾.

(1) Tertuliano, *De idolatria*, 10.

(2) S. Basílio, *Aos Jovens; Como Tirar Proveito das Letras Helênicas*, IV, 1 sqq.

(3) S. Jerônimo, *Epistulae*, XXII, 30.

(4) S. Jerônimo, *Epistulae*, XXI, 13.

No entanto, fundado o seu mosteiro de Belém, ele lhe acrescenta uma escola, onde ensina aos meninos a gramática e a literatura clássica. Seus inimigos atacam-no e acusam-no de quebrar o juramento de seu famoso sonho. Magno, orador da cidade de Roma, no fim de uma carta, como que incidentalmente, lhe pede uma explicação a respeito da citação de autores pagãos em suas obras. S. Jerônimo vislumbra nessa pergunta, inocente na aparência, a crítica sutil de um inimigo, do qual Magno é o ingênuo porta-voz; Jerônimo esclarece-o, ao mesmo tempo que desmascara o verdadeiro autor da questão. É a carta LXX da coletânea de "Epistulae" publicada com o seu nome.

Após uma breve introdução, em que se congratula com Magno pela regeneração de um certo Sebésio, personagem não mencionado alhures (§ 1), S. Jerônimo vai direto à questão (§ 2): a cultura unilateral de Magno o impele a tal pergunta, para a qual ele poderia encontrar resposta no conhecimento das Sagradas Escrituras. No Antigo Testamento, Moisés, os profetas e Salomão apresentaram, em seus livros, elementos tomados às obras dos gentios e, no Novo Testamento, Paulo trai suas leituras clássicas, assim como tira, de uma inscrição pagã, o assunto para defesa de sua fé. Ainda, no Antigo Testamento, encontramos, de maneira simbólica, a lição de como devemos purificar o que os gentios nos oferecem para torná-lo digno do Senhor.

§ 3. Quando discutimos com um pagão, é de bom alvitre servirmo-nos de argumentos extraídos das obras de seus filósofos e poetas, cuja autoridade ele não põe em dúvida, e não das Sagradas Escrituras, que para ele nada significam; Cipriano foi atacado por não ter agido assim, enquanto Orígenes, Metódio, Eusébio, Apolinário, Josefo e Filão usaram dessa tática, que ele também empregaria, não obstante as prováveis críticas, se tivesse de escrever contra Juliano Augusto.

No § 4 Jerônimo passa em revista os Padres e apologistas de língua grega, cujas obras refletem um profundo conhecimento dos filósofos pagãos.

Finalmente, no § 5, chega aos escritores latinos, que não se mostram inferiores aos gregos em erudição. Cita mesmo o presbítero Juvenco, que transpôs os Evangelhos para a poesia.

Ao terminar a carta (§ 6), Jerônimo afirma que só não se serviram da erudição, adquirida na escola e na leitura dos

autores clássicos, aqueles que, como Epicuro, não foram iniciados na literatura. E, por fim, desmascara o inimigo, cuja crítica se dissimula na pergunta ingênua de Magno, a quem ele encarrega de transmitir àquele a sua tirada de polemista violento.

TRADUÇÃO

A Magno, orador da cidade de Roma

1. Que o nosso Sebésio tirou proveito de tuas advertências, soube-o não tanto por tua carta quanto por seu próprio arrependimento. E, fato extraordinário, sua emenda agradou-nos mais do que seus erros nos haviam magoado. Combateram entre si a indulgência do pai e a piedade do filho, pois que um não se lembra do passado, o outro também promete, para o futuro, fidelidade ao dever. Por isso devemos congratular-nos um com o outro, pois nós recebemos um filho, tu reconheceste um discípulo.

2. Uma vez que me perguntas, no fim de tua carta, por que, em nossas obras, apresentamos às vezes exemplos das letras pagãs e maculamos a brancura da Igreja com a lama dos pagãos, eis uma breve resposta: nunca perguntarias isso, se Túlio não te dominasse inteiramente, se lesses as Santas Escrituras, se percorresses os seus exegetas, com exceção de Volcácio.

De fato, quem poderia desconhecer que, também nos volumes de Moisés e dos profetas, há elementos tomados aos livros dos gentios e que Salomão propôs aos filósofos de Tiro algumas questões e lhes deu respostas a outras? Por isso, no exórdio dos *Provérbios*, aconselha-nos a compreender as expressões da prudência e os artifícios das palavras, as parábolas e a linguagem misteriosa, as máximas dos sábios e os enigmas, que são próprios dos dialéticos e dos filósofos. Mas o apóstolo Paulo também, ao escrever a Tito, empregou um verso do poeta Epimênides: “Cretenses, sempre mentirosos, animais cruéis, glútons preguiçosos.” Depois Calímaco fez uso de um hemistíquio desse verso heróico. Não é de se admirar se, no latim, a tradução literal não conserva o metro, pois que Homero, vertido para a prosa, na mesma língua, mal apresenta coerência. Também, em outra epístola, Paulo cita um senário de Menandro: “as conversas muito ferinas corrompem os bons costumes”. E, discorrendo diante dos atenienses, no Areópago, chama Arato como testemunha: “pois nós também somos de sua raça”, o que em grego se diz:

e é a parte final de um verso heróico. E, como se isso não bastasse, o chefe do exército cristão, o orador invencível, advogando a causa de Cristo, até a inscrição de um altar, com a qual deparou, faz reverter em argumento de sua fé. Aprendera, de fato, com o herói Davi, a arrancar o gládio das mãos dos inimigos e a cortar a cabeça do orgulhosíssimo Golias com sua própria espada. Lera no *Deuteronomio* que, pela voz do Senhor, fora ordenado que se raspasse a cabeça da mulher cativa, que se lhe cortassem as sobrancelhas, todos os pelos e unhas do corpo e que ela assim fosse desposada (5); que há, pois, de

(5) Na epístola XXI, 13, S. Jerônimo já havia tomado o mesmo argumento.

admirável, se eu, por minha vez, por causa da elegância de sua linguagem e da beleza de seus membros, procuro transformar a sabedoria pagã, de escrava e cativa, em israelita? se o que nela há de idolatria, de sensualidade, de erro, de paixões, ou extirpo ou raspo, e, associado a esse corpo, totalmente purificado, nela gero para o Senhor de Sabaó escravos nascidos em casa? Meu trabalho é útil para a família de Cristo, meu contacto com a estrangeira aumenta o número de meus companheiros de servidão. Oséias recebe como esposa a filha de Debelaim, isto é, dos prazeres, e da meretriz lhe nasce Iezrael, que é chamado "vergôntea de Deus". Isaías, com uma navalha afiada, raspa a barba e as pernas dos pecadores; Ezequiel, para simbolizar Jerusalém que se prostituía, corta sua própria cabeleira, para que seja eliminado tudo o que nela está desprovido de sentimento e de vida.

3. Cipriano, homem notável por sua eloquência e seu martírio, segundo narra Firmiano, é criticado porque, ao escrever contra Demetrio, apresentou testemunhos dos apóstolos e profetas, que este julgava falsos e sem fundamento, e não, de preferência, dos filósofos e poetas, contra cuja autoridade, como pagão, Demetrio não podia insurgir-se. Escreveram contra nós Celso e Porfírio; ao primeiro Orígenes, ao segundo Metódio, Eusébio e Apolinário responderam com muita energia. Orígenes escreveu oito livros, Metódio estende-se até dez mil versos, Eusébio e Apolinário compuseram vinte e cinco e trinta volumes. Lê-os e ficarás sabendo que nós, ao lado deles, somos muito ignorantes e, após tanto tempo de ociosidade, mal nos recordamos, como que através de um sonho, do que aprendemos quando crianças.

Juliano Augusto, em sua expedição contra os partos, vomitou sete livros contra Cristo e, por coerência com as fábulas dos poetas, dilacerou-se com sua própria espada. Se eu tentar escrever contra ele, proibir-me-ás, penso eu, de repelir esse cão raivoso com as doutrinas dos filósofos e historiadores, isto é, com a maça de Hércules? Aliás, ele já teria sentido, desde o início do combate, o nosso Nazareno — ou como ele próprio costumava dizer — o Galileu e, com as entranhas perfuradas por um venábulo, teria recebido o castigo de sua língua pútrida. Josefo, para provar a antiguidade do povo judeu, escreve dois livros contra Apião, gramático alexandrino, e expõe tantos argumentos dos autores pagãos, que a mim se me apresenta como um milagre como um homem hebreu, educado desde a infância com as letras sagradas, tenha manuseado toda a biblioteca dos gregos. Que poderia eu falar de Filão, que os críticos proclamam ou o segundo Platão ou o Platão judeu?

4. Discorrerei rapidamente sobre cada um destes: Quadrato, discípulo dos apóstolos e prelado da Igreja de Atenas, acaso não apresentou ao imperador Adriano, que visitava os santuários de Elêusis, um livro em defesa de nossa religião e não foi causa de grande admiração a todos, a tal ponto que sua inteligência extraordinária conseguiu serenar uma perseguição tão grave? O filósofo Aristides, homem muito eloquente, ofereceu ao mesmo príncipe sua *Apologética* em favor dos cristãos, totalmente tecida com máximas dos filósofos. Mais tarde Justino, filósofo também, imitou-o e apresentou, a Antonino Pio, a seus filhos e ao senado, um livro contra os gentios, repelindo a pecha de ignomínia da cruz e pregando a ressurreição de Cristo com plena liberdade. Que poderia falar de Melitão, bispo de Sardes, de Apolinário, prelado da Igreja de Hierápolis, de Dionísio, bispo de Corinto, de

Taciano e de Bardesane, de Ireneu, sucessor do mártir Potino, que, em muitos volumes, desvendaram as origens de cada uma das heresias e as fontes filosóficas das quais emanaram?

Panteno, filósofo da escola estóica, graças à fama de sua notável erudição, foi enviado à Índia por Demétrio, bispo de Alexandria, para pregar aos brâmanes e filósofos daquela nação. Clemente, presbítero da Igreja de Alexandria, a meu ver o mais erudito de todos os homens, escreveu oito livros de *Stromata*, igual número de *Hipotiposes*, um outro contra os gentios e ainda os três volumes do *Pedagogo*. Que neles há que não seja douto ou, por outra, que não parta do seio da filosofia? Imitou-o Orígenes, e escreveu dez *Stromata*, comparando umas com as outras as máximas dos cristãos e as dos filósofos e confirmando todos os dogmas de nossa religião com textos de Platão, Aristóteles, Numêncio e Cornuto. Também Milcíades escreveu contra os gentios um volume notável. Hipólito e Apolônio, senador da cidade de Roma, compuseram seus próprios opúsculos. Há também os livros de Júlio, o Africano, que escreveu uma história cronológica, de Teodoro, que depois foi chamado Gregório, homem que, como os apóstolos, possuía o dom dos prodígios e dos milagres, ainda de Anatólio, prelado da Igreja de Laodicéia, dos presbíteros Pânfilo, Piério, Luciano, Malquião, de Eusébio, bispo de Cesaréia, de Eustácio de Antioquia, de Atanásio de Alexandria, também de Eusébio de Êmesa, de Trifílio de Chipre, de Astério de Citópolis, e do confessor Serapião, e ainda de Tito, bispo de Bostra, dos capadócius Basílio, Gregório, Anfíloquio: todos esses a tal ponto guarneceram seus livros de doutrinas e máximas dos filósofos, que não poderias saber o que neles deverias admirar primeiro, se a erudição profana ou a ciência das Escrituras.

5. Chegarei aos latinos. Que há de mais erudito que Tertuliano, que há de mais engenhoso? Sua *Apologética* e seus livros contra os gentios contêm toda a ciência profana. Minúcio Félix, advogado do foro de Roma, no livro que tem como título *Otávio* e em um outro contra os matemáticos — se é que, contudo, o título não oculta o verdadeiro autor — da literatura pagã, que deixou ele passar sem alusões? Arnóbio publicou sete livros contra os gentios e outros tantos seus discípulo Lactâncio, que compôs ainda dois volumes sobre a ira e a obra de Deus; se quiseres lê-los, descobrirás um resumo dos diálogos de Cícero. Pode faltar erudição ao mártir Vitorino em seus livros, contudo não falta desejo de erudição. Com que concisão, com que conhecimento da história universal, com que brilho de linguagem e de pensamento, Cipriano resumiu as razões por que os ídolos não são deuses! Hilário, confessor e bispo de meu tempo, imitou os livros de Quintiliano no estilo e no número e, em um pequeno opúsculo, que escreveu contra o médico Dióscoro, mostrou seu valor literário. O presbítero Juvenco, no reinado de Constantino, expôs em versos a história do Senhor, nosso Salvador, e não temeu submeter às leis da métrica a majestade do Evangelho. Deixarei passar em silêncio os outros, vivos ou mortos, em cujos escritos se revelaram sua capacidade e sua intenção.

6. Não te deixes seduzir inopinadamente pela idéia insensata de que esse processo é licito contra os gentios, mas que se deve ocultar em outras dissertações, pois que todos os livros de quase todos os escritores, salvo daqueles que, como Epicuro, não estudaram literatura, estão repletos de erudição e de ciência. Aliás, eu acreditaria antes naquilo

que me veio ao espírito enquanto dito: tu não ignoras o que sempre foi de uso entre os homens doutos, mas, por teu intermédio, essa questão me é proposta por um outro que, talvez, por amor às *Histórias* de Salústio, se pudesse chamar Calpúrnio Lanário. Peço-te persuadi-lo a que, desdentado, não inveje os dentes dos que podem comer, e, toupeira, não despreze os olhos das cabras. Como vês, matéria rica para discussão, mas os limites estreitos de uma carta me obrigam a um ponto final.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTANER, B. — *Précis de Patrologie*, Les Précis Salvator, Mulhouse, 1961.
- BASÍLIO, S. — *Aux jeunes gens — Sur la manière de tirer profit des lettres helléniques*, par F. Boulenger, Société d'Édition Les Belles Lettres, Paris, 1952.
- JERÓNIMO, S. — *Lettres*, tomes I et III, par J. Labourt, Société d'Édition Les Belles Lettres, Paris, 1949 e 1953.
- LABRIOLLE, P. de — *Histoire de la littérature latine chrétienne*, 3^e éd. Société d'Édition Les Belles Lettres, Paris, 1947.
- MARROU, H. I. — *Histoire de l'éducation dans l'Antiquité*, Editions du Seuil, Paris, 1955.
- TERTULIANO — *De idololatria*, Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum, Viena, 1890.